

JOÃO ALVES DE MORAES FILHO
ESTÉLIO HENRIQUE MARTIN DANTAS
CÉSAR RODRIGO VARGAS
JORGE FLANDEZ VALDERRAMA
ORGANIZADORES

PRÁTICAS CORPORAIS, SAÚDE E AMBIENTES DE PRÁTICA: FATOS, AÇÕES E REAÇÕES

Volume I




Pantanal Editora

2021

João Alves de Moraes Filho
Estélio Henrique Martin Dantas
César Rodrigo Vargas
Jorge Flandez Valderrama
Organizadores

**Práticas corporais, saúde e ambientes
de prática: fatos, ações e reações**
Volume I



Pantanal Editora

2021

Copyright© Pantanal Editora

Editor Chefe: Prof. Dr. Alan Mario Zuffo

Editores Executivos: Prof. Dr. Jorge González Aguilera e Prof. Dr. Bruno Rodrigues de Oliveira

Diagramação: A editora. **Diagramação e Arte:** A editora e Karyna Aires. **Imagens de capa e contracapa:** Canva.com.

Revisão: O(s) autor(es), organizador(es) e a editora.

Conselho Editorial

Grau acadêmico e Nome

Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
Prof. Msc. Adriana Flávia Neu
Prof. Dra. Albys Ferrer Dubois
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior
Prof. Msc. Aris Verdecia Peña
Prof. Arisleidis Chapman Verdecia
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva
Prof. Dr. Bruno Gomes de Araújo
Prof. Dr. Caio Cesar Enside de Abreu
Prof. Dr. Carlos Nick
Prof. Dr. Claudio Silveira Maia
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos
Prof. Dr. Cristiano Pereira da Silva
Prof. Ma. Dayse Rodrigues dos Santos
Prof. Msc. David Chacon Alvarez
Prof. Dr. Denis Silva Nogueira
Prof. Dra. Denise Silva Nogueira
Prof. Dra. Dennyura Oliveira Galvão
Prof. Dr. Elias Rocha Gonçalves
Prof. Me. Ernane Rosa Martins
Prof. Dr. Fábio Steiner
Prof. Dr. Fabiano dos Santos Souza
Prof. Dr. Gabriel Andres Tafur Gomez
Prof. Dr. Hebert Hernán Soto Gonzáles
Prof. Dr. Hudson do Vale de Oliveira
Prof. Msc. Javier Revilla Armesto
Prof. Msc. João Camilo Sevilla
Prof. Dr. José Luis Soto Gonzales
Prof. Dr. Julio Cezar Uzinski
Prof. Msc. Lucas R. Oliveira
Prof. Dra. Keyla Christina Almeida Portela
Prof. Dr. Leandris Argentele-Martínez
Prof. Msc. Lidiene Jaqueline de Souza Costa Marchesan
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann
Prof. Msc. Marcos Pisarski Júnior
Prof. Dr. Marcos Pereira dos Santos
Prof. Dr. Mario Rodrigo Esparza Mantilla
Prof. Msc. Mary Jose Almeida Pereira
Prof. Msc. Núbia Flávia Oliveira Mendes
Prof. Msc. Nila Luciana Vilhena Madureira
Prof. Dra. Patrícia Maurer
Prof. Msc. Queila Pahim da Silva
Prof. Dr. Rafael Chapman Auty
Prof. Dr. Rafael Felipe Ratke
Prof. Dr. Raphael Reis da Silva
Prof. Dr. Renato Jaqueto Goes
Prof. Dr. Ricardo Alves de Araújo
Prof. Dra. Sylvana Karla da Silva de Lemos Santos
Prof. Dr. Wéverson Lima Fonseca
Prof. Msc. Wesclen Vilar Nogueira
Prof. Dra. Yilan Fung Boix
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme

Instituição

OAB/PB
Mun. Faxinal Soturno e Tupanciretã
UO (Cuba)
IF SUDESTE MG
Facultad de Medicina (Cuba)
ISCM (Cuba)
UFESSPA
UEA
UNEMAT
UFV
AJES
UFGD
UEMS
IFPA
UNICENTRO
IFMT
UFMG
URCA
ISEPAM-FAETEC
IFG
UEMS
UFF
(Colômbia)
UNAM (Peru)
IFRR
UCG (México)
Mun. Rio de Janeiro
UNMSM (Peru)
UFMT
Mun. de Chap. do Sul
IFPR
Tec-NM (México)
Consultório em Santa Maria
UFJF
UEG
FAQ
UNAM (Peru)
SEDUC/PA
IFB
IFPA
UNIPAMPA
IFB
UO (Cuba)
UFMS
UFPI
UFG
UEMA
IFB
UFPI
FURG
UO (Cuba)
UFT

Conselho Técnico Científico

- Esp. Joacir Mário Zuffo Júnior

- Esp. Maurício Amormino Júnior
- Esp. Tayronne de Almeida Rodrigues
- Lda. Rosalina Eufrausino Lustosa Zuffo

Ficha Catalográfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P912 Práticas corporais, saúde e ambientes de prática [livro eletrônico]: fatos, ações e reações: volume I / Organizadores João Alves de Moraes Filho... [et al.]. – Nova Xavantina, MT: Pantanal, 2021. 102p.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-65-81460-14-3

DOI <https://doi.org/10.46420/9786581460143>

1. Educação física – Estudo e ensino. 2. Praxiologia. I. Moraes Filho, João Alves de. II. Dantas, Estélio Henrique Martin. III. Vargas, César Rodrigo. IV. Valderrama, Jorge Flandez.

CDD 613.7

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422



Pantanal Editora

Nossos e-books são de acesso público e gratuito e seu download e compartilhamento são permitidos, mas solicitamos que sejam dados os devidos créditos à Pantanal Editora e também aos organizadores e autores. Entretanto, não é permitida a utilização dos e-books para fins comerciais, exceto com autorização expressa dos autores com a concordância da Pantanal Editora.

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000.
Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil.
Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp).
<https://www.editorapantanal.com.br>
contato@editorapantanal.com.br

INTRODUÇÃO

Prática corporal é um tema amplamente debatido e relacionado com a promoção de saúde. Em 1986, foi realizada a “Primeira Conferência Internacional sobre a promoção da Saúde”, que teve como objetivo “levar saúde para todos no ano 2000 e nos anos seguintes”. Nesta conferência surgiu a “Carta de Otawa”, que propunha cinco alternativas para as novas políticas públicas de saúde, determinadas na declaração de Alma-Ata.

A carta propõe que o completo bem estar físico, mental e social poderia ser atingido com ações como a modificação de ambientes que pudessem ser mais atrativos para a prática de atividades corporais. A carta apontou a evolução da urbanização como responsável pela alteração do meio ambiente, que forma a base para a abordagem sócio ecológica da saúde. A proteção do meio-ambiente e a conservação dos recursos naturais devem fazer parte dessas estratégias para a promoção de saúde (OLINDA; SILVA, 2007).

O hábito das práticas corporais pode ser compreendido como manifestações histórico-culturais da sociedade moderna. No qual se misturam os sentidos de lazer e bem-estar, sejam eles físicos, mentais e sociais.

Pesquisas direcionadas as áreas de saúde, relativas a mudança dos hábitos comportamentais abrangendo as práticas corporais, apontam mudanças positivas nos efeitos degenerativos, que em qualquer idade, adotar hábitos fisicamente ativos, pode retardar a mortalidade relacionadas a causas do sedentarismo, como cardiopatias, diabetes e problemas respiratórios.

Quanto aos locais para a prática, estudos apontam que os parques são os mais procurados para o lazer e as práticas corporais realizadas, possibilitam os mais diversos tipos e intensidades (FERMINO, 2012). O que sugere que esta opção pode ser uma alternativa para que órgãos públicos invistam na infraestrutura destes locais para a melhora no que diz respeito ao desenvolvimento da saúde pública.

No que se refere a questão social, características sociais e culturais são amplamente discutidas na literatura. Fermino (2012) aponta que grande parte dos estudos são realizados em países de alta renda, o que não poderia representar a realidade sociocultural de países de renda média, como em alguns países da América Latina. O autor ainda explica que o baixo poder aquisitivo de uma determinada população impossibilita o pagamento de valores financeiros impostos por clubes privados ou mesmo a aquisição de certos materiais necessários para determinadas práticas corporais.

Dentre os espaços públicos de lazer estudados, os parques foram os mais analisados, constatando ainda que o ambiente percebido e construído do bairro, representada pela proximidade da residência apresentou associação positiva com o uso dos espaços públicos, dentre eles o parque. Outros fatores como gratuidade e fácil acesso são valorizados pela comunidade para práticas de atividades físicas.

Diversos autores (NASCIMENTO; CUNHA, 2019) salientam que a utilização de espaços de lazer públicos se associa a maiores níveis de atividade física, sugerindo que isto reflita no bem estar físico, psicológico e social dos frequentadores desses locais.

Para Fermino et al. (2017) a oferta de possibilidades para práticas corporais regulares proporcionada por ambientes como os parques públicos urbanos, geram benefícios na qualidade de vida de quem os frequenta.

Arana e Xavier (2017) reforçam que pesquisadores têm constatado que viver em ambientes mais naturais tem influenciado positivamente a percepção de saúde nas pessoas. Neste sentido, a oferta de parques públicos urbanos estaria associada a benefícios na saúde da população local, incentivando, por exemplo, a regularidade das práticas corporais.

Considerando a estimativa de que até 2050, um quinto da população mundial estará com idade superior a 60 anos (NASCIMENTO; CUNHA, 2019), a preocupação governamental em gerar políticas públicas que amenizem os efeitos do envelhecimento e busquem promover estilos de vida saudáveis, pode provocar a diminuição da utilização dos serviços públicos de saúde, já que as pessoas idosas são as que mais utilizam esse tipo de serviço.

Neste sentido, os espaços públicos urbanos, sendo destinados à coletividade requerem investimentos constantes em infraestrutura, segurança e qualidade. Assim, priorizar os serviços que contribuam para um estilo de vida saudável nesses espaços é uma alternativa possível.

Em países de renda média, intervenções para a realização de atividades coordenadas e gratuitas para a população em dias específicos da semana são uma realidade que apresenta a possibilidade de estimular o uso dos locais e a prática de atividade física em outros períodos.

Além disso, Fermino (2012) afirma que os espaços públicos de lazer em países de menos renda pode ser uma importante estratégia para a promoção da atividade física a nível populacional, uma vez que a prática da atividade física da comunidade está associada com o nível de desenvolvimento do país.

Existe uma dicotomia entre ambiente percebido e uso dos espaços públicos de lazer, considerando que a qualidade desses espaços está associada ao seu uso. Assim, investir na melhoria e manutenção das características do ambiente, ou seja, projetos arquitetônicos para melhorar a estética de edifícios, obras públicas, conservação de áreas verdes, devem ser incentivadas como atrativo para o uso dos espaços públicos, dentre eles os parques. E a responsabilidade desse investimento recai sobre os gestores públicos.

Além de buscar fomentar ações para aumentar o uso dos espaços públicos, aos gestores públicos cabe a responsabilidade de pensar estratégias possíveis para estimular esses usos, tais como, disponibilizando profissionais de educação física capacitados para orientar a realização de atividades de diferentes intensidades e em horários variados.

Por fim, a realização dessas atividades aproveitando as estruturas disponibilizadas nos espaços públicos de lazer pode promover o ambiente propício para a vivência de práticas corporais adequadas,

estímulo para criação de hábitos saudáveis e laboratório de ambientes de práticas para que o profissional de educação física desenvolva suas potencialidades.


REFERÊNCIAS

- Arana ARA; Xavier FB (2017). Qualidade ambiental e promoção de saúde: o que determina a realização de atividades físicas em parques urbanos? *Geosul*, 32(63): 201-228.
- Fermino RC; Hallal PC; Farias JR; Reis RS (2017). Frequência de uso de parques e práticas de atividades físicas em adultos de Curitiba, Brasil. *Revista Brasileira de Medicina de Esporte*, 23(4): 264-269.
- Fermino RC (2012). Utilização de espaços públicos de lazer: associação com variáveis individuais e ambientais em adultos de Curitiba – PR. (243p.) (Tese de Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Educação Física - Universidade Federal do Paraná.
- Nascimento A; Cunha D (2019). Atividade física e espaço urbano: proposta de um centro de saúde para o idoso na cidade de Garapuava-PR, *Journal of Health*, 1: 1-11.
- Olinda QB; Silva CA (2007). Retrospectiva do discurso sobre promoção da saúde e as políticas sociais. *RBPS*, 20(2): 65-67.

SUMÁRIO

Introdução	4
Capítulo I	8
Benefícios del ejercicio físico en el tratamiento del dolor lumbar crónico geriátrico.....	8
Capítulo II	24
Práticas corporais aquáticas para crianças com transtorno do espectro autista: uma revisão integrativa	24
Capítulo III	38
La importancia del entrenamiento neuromuscular integrado en la alfabetización motriz durante la etapa pediátrica.....	38
Capítulo IV	53
Slackline: uma ferramenta para a obtenção de um estilo de vida saudável	53
Capítulo V	63
El Palín Como Práctica Corporal Simbólica Y Ritual En El Futawillimapu	63
Capítulo VI	78
La educación física, perspectivas desde los imaginarios sociales y el enfoque de corporeidad: en tiempos de pandemia y confinamiento.....	78
Capítulo VII	90
Constelação familiar: um olhar quântico para o corpo, o movimento e a saúde integral.....	90
Índice Remissivo	101
Sobre os organizadores	102

La educación física, perspectivas desde los imaginarios sociales y el enfoque de corporeidad: en tiempos de pandemia y confinamiento

 10.46420/9786581460143cap6

Giovanni Corvetto Castro^{1*} 

INTRODUÇÃO

Los cambios en el comportamiento humano han tenido variaciones radicales, se estableció una nueva normalidad, acompañada de protocolos y estados de emergencia sanitarios, que nos llevaron al confinamiento, aislamiento, miedo, incertidumbre, despedidas inesperadas de seres cercanos, familiares y amigos que abruptamente perdieran la vida por el virus SARS-CoV-2, que causa la enfermedad denominada por la Organización Mundial de la Salud COVID-19. Modificando las formas de comprender el mundo en millones de personas en distintos países, es decir, se transformaron las representaciones sociales encarnadas en los sujetos, adaptándose a esta realidad que azota la raza humana y el desarrollo armonioso y equilibrado de las sociedades. Si bien es cierto, no es la primera pandemia ni será la última, el ser humano ha sobrevivido a lo largo de la historia desde tiempos inmemoriales a estos sucesos, que provocaron altas tasas de mortandad y desolación, las mismas que se expandían a múltiples países y continentes por su rápida propagación. La pandemia desencadenó eventos impensados, en algunos países todos los años se realizaban actividades con estudiantes relacionadas a la prevención de desastres naturales en las escuelas, sin embargo, nadie se imaginó que este suceso mundial sanitario, provocara colapsos en los sistemas de salud, causando elevadas pérdidas humanas, carencias de recursos y alteraciones en el normal desarrollo de las sociedades. 1370 millones de estudiantes se han visto afectados por el cierre de sus centros de estudios según la Organización de las Naciones Unidas para la Educación, la Ciencia y la Cultura (2020). Nadie imaginó que el 2019 iniciara una tragedia a nivel global y que a mediados del año 2021 aún no estemos preparados para estos escenarios, así mismo, los gobiernos en Latinoamérica y el caribe no tienen por el momento ni consolidan respuestas ante los mencionados sucesos, lo cierto es que varios países de la región se encontraban en estado de vulnerabilidad educativa, no contaban con plataformas, textos virtuales, conectividad ni herramientas digitales para afrontar la educación en la nueva normalidad, que exigía confinamiento y un estado de emergencia sanitaria. Por otro lado, no debemos pensar solo en la escuela como un claustro donde se desarrollan aprendizajes o se

¹ Universidad Nacional Mayor de San Marcos Lima- Perú.

aprenden contenidos, habilidades actitudes y normas, si bien es cierto, tiene un fin normalizador que ha pervivido por cientos de años, hoy no cumple su rol socializador, tan vital en los niños, niñas y adolescentes, el ser corpóreo se construye con el otro, con lo otro, con los otros, experimenta con su cuerpo y organiza el mundo partiendo del mismo; para construirnos como sujetos en una compleja transformación evolutiva, lo neurológico y lo biológico sientan las bases para la adaptación con el mundo externo; sin embargo, el ser humano construye su corporeidad en un entramado biológico social, no solo es un conjunto de moléculas entrelazadas entre sí, parte en su desarrollo en base a un imaginario construido por el hombre llamado “sociedad” que constituye una comprensión común y nos da un sentido colectivo que compartimos como seres sociales en un grupo colectivo cultural. La educación física como parte del proceso educativo no encuentra sus fines teleológicos, pasa por un problema de identidad y sus características muchas veces han estado relacionadas con aspectos de carácter funcional mecánico y gasto energético que en un mundo sedentario inclusive antes de la pandemia no deja de ser válido, sin embargo, se vuelve insuficiente pues a través de la educación física podemos desarrollar hábitos de vida saludables y una conciencia sociocrítica hacia el cuidado de la salud.

La construcción del sujeto corpóreo desde lo fenomenológico una necesidad en la educación física

La educación física y los deportes por sus características han estado comprendidas en una postura filosófica relacionada al dualismo, se postulaba que la mente se encontraba disociada del cuerpo, en otras palabras, las capacidades superiores del ser humano se encontraban fuera del cerebro, es decir en la “mente” concepto cercano al “alma” y el cuerpo una entidad separada, postura que deshumanizó la medicina por años, y excluyó al cuerpo del pensamiento, emoción, sentimiento e intención, por otro lado, las actividades prácticas como la educación física fueron consideradas de menor valía y en un estatus inferior a las teóricas, pensamiento de René Descartes que aún pervive en algunas sociedades y colectivos sociales. Según Benjumea (2010) sobre la dualidad determina:

El pensamiento occidental, sobre todo en la modernidad, concibió al ser humano como un ser dual, conformado por realidades escindidas y dicotómicas -cuerpo/alma, entendidas éstas como dimensiones que se relacionan pero que no se combinan. Esta concepción es una herencia de la postura filosófica dualista de Descartes, y anteriormente de Platón.

La formación inicial docente estuvo por muchos años centrada en esta postura dualista, cuyos fines reducían su quehacer pedagógico e importancia, solo al aspecto meramente físico funcional alrededor de los enfoques que la sustentaban, se orientaban hacia el desarrollo de capacidades físicas energéticas, así como, el rendimiento deportivo. “La concepción del cuerpo estuvo signada por la visión religioso-cristiana en la que el cuerpo era concebido como instancia inferior o dependiente respecto a la instancia del *alma*, componente divino e inmaterial del ser humano, susceptible de sobreponerse a la muerte de su cuerpo, de ser inmortal” (Ramírez, 2017).

Las prácticas sobre un cuerpo concebido como un conjunto de estructuras orgánicas privado del pensamiento, sentimiento, emoción y de su dimensión política y cultural, alejadas de la concepción de un cuerpo como sujeto y su relación con la cultura. “Las prácticas pedagógicas en la educación física, se centraban en la técnica, el aprendizaje motor, la teoría del entrenamiento y el desarrollo de las capacidades físico-motrices” (Hurtado, 2008). Las razones por las que la educación física estuvo en el currículo escolar jamás estuvieron claras, estuvieron orientadas a la preparación para la guerra, el respeto al orden natural de las cosas, a la normalización, en otras palabras, adiestrar, moldear, conducir, formar, regular y normalizar el cuerpo. Según Corvetto (2018)

Si bien es cierto, el término “Educación Física” fue utilizado por primera vez por John Locke en 1693 en Inglaterra, las actividades relacionadas con ella como el ejercicio físico han estado presente en el proceso evolutivo del hombre hasta nuestros días, el ejercicio tenía un corte violento en la edad antigua, en la edad media se fue estilizando con actividades relacionadas a la gimnasia acrobática, las danzas, los juegos tradicionales, populares y autóctonos.

En los últimos años ha nacido un nuevo camino relacionado a la práctica de actividad física, sin embargo, aún esta mirada de la educación física es insuficiente. “La Educación Física como área de estudio del currículo escolar presenta aspectos paradójicos. Estuvo presente en el currículo desde Atenas y Esparta en Grecia antigua hasta nuestros días, jamás estuvieron claras las razones por las cuales se encuentra dentro del sistema educativo” (Corvetto, 2018).

El pensamiento del siglo XX genera uno de los cambio más populares y conocidos en la filosofía, algunos autores lo llaman “giro corporal”. La reflexión y propuestas socio culturales y teóricas sobre la “corporalidad humana” constituyéndose una sin igual revolución filosófica, poniendo fin al paradigma del alma como eje de la comprensión del ser humano, conciencia y del pensamiento. Según Ramírez (2017, p. 53) sobre la influencia de la filosofía husserliana sobre el cuerpo postula:

La fenomenología, ya desde Husserl, revela y construye una concepción del cuerpo como componente de la dimensión subjetivo-trascendental de la conciencia y su relación con el mundo. Propiamente, el giro corporal en la filosofía del siglo XX es efectuado por la filosofía husserliana y precisado y concretado por sus diversos seguidores. Destacan aquí los pensadores franceses Gabriel Marcel, Jean-Paul Sartre y Maurice Merleau-Ponty; particularmente el último, quien se propone, nada menos, elaborar lo que podemos llamar una «filosofía de la corporalidad» en todo su sentido y toda su complejidad.

El enfoque de corporeidad nos abre un camino de posibilidades, que pueden encaminar nuestra práctica pedagógica hacia el desarrollo humano. Para Ramírez (2017) reflexionando sobre el pensamiento de Merleau-Ponty determina:

El cuerpo es el «ser» de la subjetividad, el «ser» del pensamiento; y es, a la vez, el modo en que accedemos al Ser o, más bien, el modo en que nos revelamos a nosotros la preeminencia del Ser sobre nosotros mismos (esto es: sobre nuestra conciencia puramente reflexiva, intelectual y cognoscente).

La corporeidad como enfoque trasciende la educación física y pone de manifiesto la estrecha relación entre el cuerpo, sujeto y cultura. “La corporeidad es el encuentro con lo sensible de ser humano,

que traspasa el mero contacto, hacia el sentimiento. Es la presencia del mundo en el ser humano que presente, proyecta y realiza en ese sentimiento su intencionalidad” (Murcia; Corvetto, 2021).

El cuerpo biológico desde el primer contacto con su entorno afectivo empieza su proceso de humanización desde una indisolubilidad, un cuerpo que se emociona, piensa, se expresa, ama, una estructuración cíclica que deviene en corporeidad, cuando morimos pasamos a ser solo un cuerpo. “El cuerpo constituye un elemento importante a considerar, sin embargo, no es un referente suficiente para comprender al ser humano, ya que la construcción del cuerpo no solo es biológica sino también social y sufre un proceso de humanización a través de la educación” (Corvetto, 2016).

Un ser que a su vez filogenética y ontogenéticamente es biológicamente social, siendo la motricidad un recurso adaptativo como vivenciación de la corporeidad e instrumento de relación del sujeto con su entorno, con otras personas y consigo mismo; desde estas posibilidades de acción utiliza este cuerpo que piensa, se expresa, sobre su medio accediendo a la representación mental de este conjunto de experiencias que va interiorizando de su mundo.

Hablar de corporeidad no es hablar de un cuerpo cualquiera; es hablar de un cuerpo atravesado por el sentido de la vida, atravesado por la fuerza de la historia como transformación y tradición, pero también atravesado por la propia creación del ser humano particular, cada cuerpo con una propia identidad construida a través de las interacciones sociales en respuesta a lo otro, los otros y hacia sí mismos. Es decir, el “cuerpo humano” es la conjugación compleja de la dotación biológica, la construcción social y la creación radical; la esencia de dicha conjugación es la corporeidad. La corporeidad es síntesis de la articulación magmática de cuerpo cargado de herencia, sentido social y creación radical (Murcia; Corvetto, 2021).

Los niños pequeños empiezan sus vivencias afectivas de aprendizaje en un entorno con actividades lúdicas, simbólicas y representativas, entre los dos y tres años de edad empiezan a ir a la escuela, interactúan, socializan, intercambian emociones, establecen aprendizajes que les permiten descubrir sus limitaciones y posibilidades, así mismo, esta interacción basada en esta urdimbre social le permite un desarrollo psicomotor armónico, desarrollan su esquema corporal, representación mental, conciencia corporal, conocimiento de su cuerpo e imagen corporal, aspectos que nos invitan a replantear las prácticas pedagógicas de la educación física que desde la fenomenología del cuerpo interpretan como se construye el sujeto desde la percepción y como interviene en este proceso de construcción lo socio cinético. “Esto es la corporeidad humana (pienso y siento al tiempo que hago) actúo porque siento y pienso ya que el ser humano es y vive solo a través de su corporeidad” (Benjumea, 2010).

Una educación física que conciba al sujeto en construcción de su ser, desplegando sus potencialidades y recursos pedagógicos a un reformulado “porqué fundante” del área, estrechamente vinculado al desarrollo humano.

La Fenomenología del cuerpo evita una interpretación mecanicista de la corporalidad y, a diferencia de un análisis biológico y fisiológico, lo que interesa es integrar la corporalidad en una constelación de sentido que ofrezca un significado humano. La Fenomenología se opone tanto a una reducción física del mundo como a una reducción fisiologista de la corporalidad y del movimiento corporal; por consiguiente, se convierte en un presupuesto teórico fundamental

para encontrar en las nuevas formas de entender el cuerpo y las prácticas corporales que se desarrollan en la educación física (Gallo, 2009).

La educación física por los elementos expuestos, necesita replantear su quehacer pedagógico, que le permita incursionar desde el nivel inicial o pre escolar, pensando que además del desarrollo de destrezas y habilidades motrices e inherente evolución de capacidades físicas energéticas o condicionales, despleguemos sus habilidades para la vida, relacionadas al pensamiento crítico y resolutivo, un sujeto equilibrado emocionalmente, que se exprese en todas sus dimensiones, desarrolle una conciencia sociocrítica hacia el cuidado de su salud y lidere los cambios mundiales en el mundo actual intercultural.

Con la pandemia muchos niños, niñas y adolescentes han sido confinados a sus hogares, no se observan niños jugando en los parques, calles, paseando con sus padres en centros recreativos, en verano en las playas o ir de compras al mercado o centros comerciales. Los mismos que por el simple hecho de estar en confinamiento al no interactuar con sus congéneres y coetáneos en la escuela sufren un daño colateral, por lo mencionado anteriormente, el niño, niña y adolescente, para construirse como un ser corpóreo armónico, resolutivo, crítico, con una autoestima e identidad equilibrada necesita de este enmarañado social. “El cuerpo que se construye socialmente, que sufre un proceso de humanización a través de la educación, es el cuerpo de la educación física, y es en este sentido donde aparece el concepto de corporeidad como un concepto fundante para la educación física”. (Hurtado, 2008).

La educación física desde esta perspectiva actual, tiene que generar propuestas pedagógicas auténticas, motivadas, diversas, que busquen además del gasto energético a través de la actividad física, para evitar el sedentarismo y la inactividad, brindarles experiencias de aprendizaje significativas, contextualizadas, lúdicas, motivadas, que les permitan de cierto modo compensar, estos vacíos de aprendizaje desde aspectos relacionados con su desarrollo psicomotor, sabemos por diversas investigaciones que un niño o niña descoordinado no se relaciona bien a través de su motricidad con su entorno, es segregado por otros niños en las actividades lúdicas, aspectos que inciden en su autoconcepto, autoestima y el desarrollo de su identidad por ende en la construcción de su ser corpóreo, como conciencia imperativamente intelectual, reflexiva y cognoscente.

La motricidad humana como acción transformadora y expresión del ser corpóreo

Por muchos años hemos considerado a la motricidad como sinónimo de acto motor, una respuesta biológica y mecánica, relacionada al cambio de posición espacio temporal; en la antigüedad, pensar en el movimiento era situarse en un acto no intencionado, pensado y mucho menos emotivo, sin embargo, la emoción y el pensamiento están intrínsecamente ligados, desde tiempos lejanos y han tenido un proceso evolutivo filogenético de millones de años, diversos autores señalan que existen dos mentes, la emocional y la racional, esta última deriva del cerebro reptiliano. Por otro lado, aún tenemos una corteza paleocortical o cerebro antiguo donde se organiza la información del tipo inconsciente, la evolución nos ha dotado de programas de reacción automática impulsos traducidos en emociones que

nos inducen a actuar, el cerebro racional (neocórtex) donde se organiza la información del tipo consciente inhibe las reacciones básicas del cerebro emocional, según Goleman (1996).

Hace unos cien millones de años, el cerebro de los mamíferos experimentó una transformación radical que supuso otro extraordinario paso adelante en el desarrollo del intelecto, y sobre el delgado córtex de dos estratos se asentaron los nuevos estratos de células cerebrales que terminaron configurando el neocórtex (la región que planifica, comprende lo que se siente y coordina los movimientos).

Bajo esta premisa la motricidad desde la evolución del neocórtex no es un acto automatizado, sino es una acción consciente, intencionada que proyecta emociones y sentimientos lo que nos ha permitido ser y estar con y en el mundo, una motricidad que es la expresión de cada ser, con propia identidad, dejando huellas en el mundo e inscribiendo su historia a través de ella como afirma Goleman (1996).

El neocórtex del Homo sapiens, mucho mayor que el de cualquier otra especie, ha traído consigo todo lo que es característicamente humano. El neocórtex es el asiento del pensamiento y de los centros que integran y procesan los datos registrados por los sentidos. Y también agregó al sentimiento nuestra reflexión sobre él y nos permitió tener sentimientos sobre las ideas, el arte, los símbolos y las imágenes.

La motricidad entonces es la vivenciación del ser sujeto o ser corpóreo, la misma que en su contacto con el entorno, lleva simbolismo, una propia identidad, está dotada de intencionalidad e inteligencia, es de orden ontogenético, pero sobre todo filogenético, con capacidad de comunicación y expresión, nos permite interactuar en todo momento con el otro, los otros y lo otro, es la expresión del ser actuante en el contexto.

La motricidad es inherente a cada ser humano ya que depende no solo de sus genes sino también de su construcción social, así podremos ver a dos futbolistas formados desde pequeños en el mismo equipo, pero con características diferentes de juego o dos personas cocinando con la misma receta y los mismos ingredientes y la comida con sabores distintos, estos comportamientos de la expresión del cuerpo a través de su motricidad trascienden lo orgánico (Corvetto, 2016).

La motricidad humana no puede ser un acto inconsciente, mecánico funcional automático o simples contracciones de los músculos para desplazarse, “La misma raíz etimológica de la palabra emoción proviene del verbo latino movere (que significa «*moversse*») más el prefijo «e-», significando algo así como «*movimiento hacia*» y sugiriendo, de ese modo, que en toda emoción hay implícita una tendencia a la acción” (Goleman, 1996). Moverse con emoción, pasión, sentimiento, simbolismo, pensamiento; lo cual nos lleva a postular, que hay una construcción social del sujeto la misma que determinará el desarrollo de su ser corpóreo y como se manifieste a través de su motricidad. “El ser humano no puede ser sin una conciencia socio -histórica y psíquico/somática que se conjugan a la vez para constituirlo; la corporeidad y la motricidad, son justamente esa dimensión de la conciencia psicósomática esa historia y tradición” (Murcia; Corvetto, 2021).

Esta postura lleva a la educación física a nuevos desafíos, nunca nos preocupamos del papel de las emociones ni el pensamiento en nuestro quehacer pedagógico, siempre nos hemos preocupado por

las capacidades físicas energéticas, por la enseñanza deportiva desde el aprendizaje del fundamento deportivo y la automatización de movimientos, pero nunca nos situamos como un área del currículo que contribuye al desarrollo de la personalidad, identidad, autoestima y autoconcepto; hoy más que nunca requiere una transformación de nuestras prácticas pedagógicas, ver más allá del gasto calórico para evitar la obesidad a causa del sedentarismo, es importante tratar de evitar en estos tiempos la inactividad a causa de largos periodos sentados en la educación remota o virtual, lo cual hace evidente el posterior desarrollo de enfermedades de tipo no transmisibles y la generación de hábitos inadecuados para la salud sin embargo, adicionalmente en nuestras sesiones de aprendizaje no olvidemos que tenemos personas en construcción de su ser frente a nosotros, debemos pensar en sus intereses, emociones, sentir. Debemos buscar el desarrollo de una conciencia socio crítica hacia el cuidado de la salud, siendo primordial y fundamental en nuestro quehacer pedagógico, lograr que el estudiante valore no solo el esfuerzo y gasto energético, sino tenga un nivel de conciencia sobre la importancia del desarrollo de hábitos de vida saludables, eso requiere profesores preocupados no solo en la actividad práctica, sino por los procesos cognoscitivos y emocionales, en un ambiente muy motivado, donde el niño, niña y adolescente se sienta feliz y sepa la importancia de encarnar hábitos de vida saludables. Según Corvetto (2016).

La motricidad nos aproxima a la constitución y consolidación como seres humanos, donde la cultura cumple un rol importante, porque la motricidad se constituye y fortalece a través de manifestaciones tales como: la creación, intuición, espontaneidad, que son elementos de la personalidad, es así que nos acercamos a través de la motricidad y la cultura a nuestra naturaleza humana.

La educación remota, limita las acciones pedagógicas de los maestros, por diversas razones, algunas de ellas son la falta de conectividad, herramientas que causan desmotivación y en muchos casos la deserción escolar, generando enormes vacíos educativos y problemas sociales en muchos países entre ellos los de América Latina y el Caribe. En aquellas zonas donde existe conectividad y herramientas los estudiantes no prenden sus cámaras, en su gran mayoría se encuentran desmotivados, hechos que generan desmotivación de maestros en muchos casos y frustración. Según Corvetto (2021).

El COVID-19 le cambió la vida al mundo, las cosas no volverán a ser iguales para las personas en todo sentido, no solo quitó la paz y el tiempo de calma, sino que nos confinó a espacios reducidos donde el sedentarismo y la inactividad se podrían convertir en un peligro para el desarrollo de enfermedades del tipo no transmisibles. Por otro lado, el rol socializador de la escuela y su necesaria existencia como espacio de permanencia y construcción de los estudiantes hoy no existe.

Lo que requiere una reinención del docente, así como el desarrollo de competencias digitales, el uso de recursos lúdicos, canto, baile; es importante conocer al estudiante, determinar cuáles son sus intereses, su sentir, como se expresa corporalmente, que características tiene su entorno, pues muchos no tienen a los padres cerca o son hijos únicos, la escuela hoy no provee el rol socializador muy importante en el desarrollo de aprendizajes para la vida, aspecto que impide la relación coetáneo o congénere, un ambiente donde no solo se desarrollan contenidos si no permiten una comprensión común y nos da un sentido colectivo, el mismo que se modificó a través de la pandemia.

El Impacto psicológico individual y familiar en tiempos de confinamiento y pandemia: intervención de la educación física como área del currículo

Innumerables investigaciones hablan de un impacto psicológico individual y familiar por la carencia de la escuela en sus vidas y por el miedo a la enfermedad y al contagio, así como, a la pérdida de familiares y amigos a causa del contagio del virus. Los estudios incluyen variables como miedo a la infección, frustración aburrimento, padres que no pueden cubrir necesidades básicas del hogar y otras como lo menciona Sánchez (2021)

Expertos sobre situaciones de estrés relacionadas con pandemias apuntan que las variables implicadas en el impacto psicológico son el miedo a la infección por microorganismos y enfermedades, la manifestación de sentimientos de frustración y aburrimento, no poder cubrir las necesidades básicas, no disponer de información y pautas de actuación claras, así como la presencia de problemas de salud mental previos. Aunque el impacto emocional puede incluir diferentes reacciones emocionales, y estas pueden ser más o menos específicas, el conjunto de emociones negativas de miedo, ansiedad y preocupación suelen producirse de forma mixta en situaciones de elevado estrés psicológico y ante amenazas de naturaleza impredecible e incontrolable. En situaciones de incertidumbre, la preocupación y el estrés pueden derivar en manifestaciones de ansiedad y depresión.

Otras investigaciones resaltan como el aislamiento sanitario o confinamiento repercute de manera directa en los vínculos familiares, sociales, nos hemos aislado de hermanos, amigos, padres e hijos. Por otro lado, se han evidenciado a través de medios de comunicación en diversos países de la región comportamientos relacionados con la “violación de la cuarentena”, generando una respuesta policial, posturas adversas relacionadas hacia los infractores de parte de la ciudadanía, difusión de videos y otros. Según Scholten et al. (2020)

La cuarentena impacta de manera directa en nuestros vínculos: a la incertidumbre respecto de la enfermedad y las restricciones temporales a nuestra libertad de circulación, se suma la distancia respecto de nuestras familias y amistades, lo cual puede generar altos montos de ansiedad o inducir estados depresivos en muchas personas.

El problema mundial de salud, impacta de manera singular psicológicamente a las personas según diversos organismos e investigaciones, los niños, niñas y adolescentes se encuentran limitados a su casa sea pequeña o grande, su entorno varió, se les ha impedido jugar, relacionarse y vincularse con los amigos habituales y la no asistencia a la escuela torna a los niños, niñas y adolescentes inquietos o simplemente aburrirse, generalmente estas acciones han desencadenado a los familiares a situaciones de estrés y generar violencia doméstica, llegamos a la conclusión según diversas investigaciones, que existe un nivel de impacto significativo en los padres de familia y estudiantes, por la falta de colegio en las vidas diarias de las personas. Según Corvetto (2021).

Sin querer hemos colocado a padres y madres en el rol de docentes, documentalistas, psicopedagogos, psicólogos y supervisores de tareas con la carga diaria emocional, laboral y doméstica en la que viven, sin considerar que la mayoría de las familias en América Latina y el Caribe, vivía ya en un estado de vulnerabilidad antes del coronavirus.

Los padres de familia han pasado a ser maestros de escuela en casa, muchos de ellos no tienen la formación para hacerlo o peor aún, se olvidaron, o no tienen la paciencia para realizarlo, muchos de los padres son analfabetos digitales, no terminaron la educación básica regular o simplemente no tienen tiempo, sin contar con los estudiantes que provienen de hogares disfuncionales, o perdieron a sus padres, abuelos en la guerra contra el Covid- 19. No solo el estrés está considerado dentro del impacto psicológico sino otros efectos directos como lo menciona Sánchez (2021) en su investigación:

Entre los efectos directos de la enfermedad se pueden incluir: trastornos del sueño y el apetito, dificultad para atender, hiperactividad e irritabilidad. En escolares pueden aparecer síntomas de angustia como palpitaciones, hiperventilación y diarreas, asociados generalmente a procesos de somatización; también pueden manifestarse señales de depresión con sentimientos de tristeza y abandono. Las obsesiones y compulsiones son consideradas como reacciones más severas al proceso. La regresión emocional y conductual es más frecuente en preescolares y escolares pequeños, pero también ocurre en adolescentes.

Es en este punto donde la educación física como área del currículo toma vital importancia, no solo por las características de sus competencias relacionadas al desarrollo de hábitos de vida saludable y ser el área más cercana a la salud según diversos organismos internacionales, sino por lo sui generis del área, cargada de lúdica, pasión, interacción y sobre todo motivación intrínseca, debemos hacer que el deseo y el amor por aprender se mantenga vivo en los estudiantes, con actividades de aprendizaje significativas, que reflejen el verdadero sentir del área, y saque a relucir las mejores potencialidades humanas, nuestra práctica pedagógica debe ir acorde con la evolución, maduración, crecimiento y desarrollo del niño, niña y adolescente, respetando necesidades individuales de aprendizaje, favoreciendo la necesidad de aprender no desmotivándolo, partiendo de la motricidad autónoma que invita a la “libertad” la cual permite tener estudiantes, autocríticos, disciplinados y con gran confianza y seguridad en sí mismos. Importante rescatar la relación profunda y estrecha entre la capacidad creadora del ser humano y el ámbito de su propia socialización, de lo comunal y de lo comunitario. Según Corvetto (2021).

Es sumamente importante adaptarnos a estos cambios sociales que se deben expresar en nuestro quehacer profesional en los diferentes niveles educativos con contenidos pertinentes y contextualizados. Es clave mirar a nuestros estudiantes desde sus competencias, visibilizarlos, valorar su paciencia y comprender su impaciencia en estos días de encierro, aliviar la carga de estrés en las familias, no olvidar la parte afectiva relacional de nuestra área y no perder la motivación en nuestras clases, las mismas que deben inspirar a construir un presente cálido, más humano, que realmente nos enseñe a aprender lo verdaderamente importante de la educación, la educación física, el deporte y la vida.

En estos momentos, debemos reinventarnos como ser y plantear una mirada de la educación física en los niños, niñas y adolescentes desde la construcción de su ser, donde la autoestima, autoconcepto, imagen corporal y desarrollo humano sean nuestro porqué fundante y la actividad física el medio vital.

La modificación y reconfiguración de los imaginarios sociales en tiempos de confinamiento y pandemia

La pandemia reconfiguró la mirada sobre el mundo que, desde la perspectiva propuesta sobre imaginarios de Castoriadis, comprender los fenómenos sociales, es “reconocer la acción práctica del ser humano” un acto de representación que se basa en recursos simbólicos, representaciones disponibles en la vida cotidiana a través de signos haciendo presente lo ausente, constituyéndose como la esencia de la imaginación. Según Castoriadis (1997).

El pensamiento es esencialmente histórico, cada manifestación del pensamiento es un momento en un encadenamiento histórico y es también -si bien no exclusivamente su expresión. De la misma manera, el pensamiento es esencialmente social, cada una de sus manifestaciones es un momento del medio social; procede, actúa sobre él, lo expresa, sin ser reducible a ese hecho.

Los imaginarios sociales destacan, porque hay un vínculo entre la representación y la imaginación, estas representaciones se encuentran en el espacio público y además alimentan a la persona, el imaginario social constituye una comprensión común y nos da un sentido colectivo que compartimos como sociedad, es decir el imaginario es el sentido común de lo que somos como colectividad. En el estado de pandemia y confinamiento se ha constituido un imaginario social de nuevo orden, fundado por un presente instituido y el futuro incierto, difundido por los medios de comunicación y por las vivencias de cada ser humano en el mundo. Se han modificado las formas de construcción y de creación cultural y la institución imaginaria de la sociedad. Es importante resaltar la potencia que han tenido estos imaginarios sobre las subjetividades de los niños, niñas y adolescentes y por qué no decirlo sobre la humanidad. Se transformaron las representaciones sociales encarnadas en los sujetos, adaptándose a esta realidad que azota la raza humana y el desarrollo armonioso y equilibrado de las sociedades. “La socialización no es una simple adjunción de elementos exteriores a un núcleo psíquico que quedaría inalterado; sus efectos están inextricablemente entramados con la psique que sí existe en la realidad efectiva” (Castoriades, 1997). Por otro lado, hay una influencia del imaginario colectivo, que es el imaginario instituyente, el mismo que plantea significados e instituciones. Estos significados se encarnan en la psique en el ser humano como una imaginación radical, esta psique es un flujo que podemos comprobar en cada uno de nosotros, es un flujo incesante de representaciones de deseos y afectos, un flujo que es ampliamente inmotivado que puede ir de la imaginación a la creación más extraordinaria en cada uno de nosotros, lo que sucede en una sociedad impone una realidad. Según Castoriadis (1997)

Las significaciones imaginarias sociales crean un mundo propio para la sociedad considerada, son en realidad ese mundo: conforman la psique de los individuos. Crean así una “representación” del mundo, incluida la sociedad misma y su lugar en ese mundo: pero esto no es un constructum intelectual; va parejo con la creación del impulso de la sociedad considerada (una intención global, por así decir) y un humor o Stimmung específico -un afecto o una nebulosa de afectos que embeben la totalidad de la vida social. Por ejemplo, la fe cristiana es una pura creación histórica, totalmente específica, que implica “visiones” particulares (ser amado por Dios, salvado por él, etc.) y sobre todo afectos particulares y extraños, que hubieran sido totalmente incomprensibles (y aberrantes -moría, dice, de manera característica, San Pablo) para todo griego o romano clásico (y también para todo chino o japonés). Y esto es comprensible, si recordamos que la sociedad es un ser por sí misma.

Los niños, niñas y adolescentes, transformaron la representación de su mundo; el constructo “institución educativa”, en la actualidad es estar frente a una pantalla de computadora, teléfono, tableta y en algunas zonas donde no hay conectividad, ni herramientas tecnológicas donde viven un significativo porcentaje de estudiantes en zonas rurales, en el mejor de los casos, significa tener un televisor y escuchar el programa “Aprendo en casa”, o simplemente caminar por más de una hora para llegar donde hay señal para escuchar una radio y tratar de aprender.

El concepto de compañero de escuela, trabajo o amigo de barrio, se modificó, pues las relaciones interpersonales se volvieron “síncronas” o “asíncronas” a través de una video llamada o mensaje en redes sociales, si bien es cierto era una forma de comunicarnos, en el tiempo de pandemia y confinamiento ha sido la única forma. Las personas usan cubre bocas, y otros implementos, y después de la vacuna lo seguirán haciendo, los protocolos sanitarios obligan al distanciamiento obligatorio, las personas no van más a gimnasios, zoológicos, museos, discotecas, no visitan a las familias y solo asumen que deben verlas por videos llamadas, los niños, niñas y adolescentes no van a parques ni a academias deportivas u otros espacios que como la escuela permitían un rol socializador, pero sobre todo era parte de un imaginario social instaurado en la psique de cada uno de nosotros un imaginario instituyente, siempre creadores en el colectivo social del otro, simplemente hoy existe un nuevo orden y con él la transformación y adaptación del hombre y la sociedad. “Estos procesos de formación se constituyen en el campo de la posibilidad en el que emerge lo nuevo radical. Se trata de espacios sociales en los cuales una manera de ser sujeto se construye- crea, y por lo tanto se configura” (Hurtado, 2011). En esta nueva normalidad hay nuevas formas individuales que se configuran socialmente y se instauran en creaciones corpóreas y en su expresión, donde la construcción del ser corpóreo desde la educación física juega en el currículo un papel vital e importante.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Benjumea M (2010). La Motricidad como dimensión humana. Un abordaje transdisciplinar. España-Colombia: Instituto internacional del saber.
- Castoriadis C (1997). El Imaginario Social Instituyente. Zona Erógena, [online]., 35: 1-9.
- Corvetto G (2018). Evolución Histórica de la educación física en el currículo escolar peruano análisis sobre los enfoques y el quehacer pedagógico del área. ALESDE, 9(2): 134-153.
- Corvetto G (2021). La educación y la Educación Física en el Perú. Transformación de los imaginarios sociales en tiempo de confinamiento. En Educación Física en tiempos de pandemia y confinamiento. Santiago de Chile: Universidad Adventista de Chile & Universidad de Cundinamarca. 115-131. Disponible en: <https://www.researchgate.net/publication/349059570_Educacion_Fisica_en_tiempos_de_pandemia_y_confinamiento> Epub 5 feb 2021. ISSN ISBN: 978-956-401-974-1.

- Corvetto G (2021). La Motricidad en el currículo escolar peruano análisis de su evolución histórica. VII Coloquio Internacional de Educación Popayan: Universidad del Cauca. 1-20. Disponible en: <http://www.unicauca.edu.co/eventos/index.php/educoloquio/2016/paper/viewFile/134/255> Epub 23-Ago-2016.
- Gallo L (2021) Aportes antropológico-fenomenológicos sobre la corporalidad y el movimiento humanos para una Educación. Medellín: Universidad de Antioquia. Disponible en: <<http://ayura.udea.edu.co:8080/jspui/handle/123456789/1548>>. Epub 2009
- Goleman D (1996). Inteligencia emocional. Barcelona: Kairos.
- Herrera DRH (2008). Corporeidad y motricidad: Una forma de mirar los saberes del cuerpo. *Educação & Sociedade*, 29(102): 119-136.
- Hurtado D (2011). Entramados. Jóvenes y configuración de significaciones imaginarias del deseo. Popayan: Universidad del Cauca.
- Murcia-Peña N, Corvetto-Castro G (2021). Motricidad y corporeidad como relaciones basadas en el desarrollo de lo humano. Cinta de Moebio. *Revista de Epistemología de Ciencias Sociales* 70: 55-67.
- ONU (2021). Noticias ONU. Más de 156 millones de estudiantes están fuera de la escuela en América Latina debido al coronavirus ORGANIZACIÓN DE LAS NACIONES UNIDAS Disponible en: <https://news.un.org/es/story/2020/03/1471822> Acceso em: 28 mar. 2021.
- Ramírez M (2017). El cuerpo por sí mismo. De la fenomenología del cuerpo a la ontología del ser corporal. *Revista de filosofía open insight*, 49-68 Disponible en: <<http://www.scielo.org.mx/pdf/rfoi/v8n14/2395-8936-rfoi-8-14-00049.pdf>> Epub 2 de feb de 2017.
- Sanchez Boris IM (2021). Impacto psicológico de la COVID-19 en niños y adolescentes. *MEDISAN, Santiago de Cuba*, 25(1): 123-141. Disponible en <http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1029-30192021000100123&lng=es&nrm=iso>. accedido en 17 jun. 2021. Epub 15-Feb-2021.
- Scholten H et al. (2020). Aproximación psicológica al COVID-19: una revisión narrativa de la experiencia latinoamericana. *Revista Interamericana de Psicología / Interamerican Journal of Psychology*, 54(1): e1287.

ÍNDICE REMISSIVO

A

adulto mayor · 20
atividade física · 52, 53, 54, 56, 99

C

constelação familiar · 90, 92, 93, 97
corpo · 89, 90, 91, 93, 94, 95, 96, 97
corporeidad · 77, 78, 79, 80, 81, 82

D

desarrollo humano · 79, 80, 85
dolor crónico · 12
dolor lumbar crónico · 8, 9, 11, 12, 16, 18

E

educación étnica · 62, 63, 64
entrenamiento · 10, 16, 17, 18, 20, 21
escola · 52, 53, 58

M

motricidad · 80, 81, 82, 83, 85
movimento · 89, 93, 94, 95, 96, 97

S

salud · 77, 81, 83, 84, 85
Slackline · 52, 54, 55, 57, 58, 59

SOBRE OS ORGANIZADORES



  **João Alves de Moraes Filho**

Doutor em Ciências da Atividade Física e Esporte pela Universidade de Valencia (Espanha); Professor na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT); Membro do Centro Interdisciplinar de Pesquisas em Esporte e Exercício Físico (CIPEEF); Membro do Laboratório de Biociências da Motricidade Humana, (LABIMH);



  **Estélio Henrique Martin Dantas**

Doutor em Educação Física pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Docente nos Programas de Pós-graduação Stricto Sensu em Enfermagem e Biociências – PPG EnfBio, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO. Professor Titular na Universidade Tiradentes - UNIT. Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Saúde e Ambiente – PSA, da Universidade Tiradentes – UNIT, Aracaju, Brasil; Presidente de Honra Rede Internacional de Motricidade Humana.



 **César Rodrigo Vargas**

Doutor em Ciências da Educação pela Universidade de Maule (UCM - Chile). Professor na Universidade de Maule (Chile); Membro do Laboratório de Investigação de Rendimento Humano.



 **Jorge Flandez Valderrama**

Doutor em Ciências da Atividade Física e Esporte pela Universidade de Valencia (Espanha); Docente na Universidade Austral de Chile; Diretor da Escola de Pedagogia em Educação Física, Esportes e Recreação.



Pantanal Editora

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000

Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil

Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp)

<https://www.editorapantanal.com.br>

contato@editorapantanal.com.br